

João Cravinho 1936-2025

Venho aqui evocar a obra imensa do Eng. João Cravinho. Como servidor público exemplar, como homem político íntegro, como o engenheiro que quis conhecer a sociedade e a economia portuguesas nos seus fundamentos essenciais, como um dos que transformaram o pensamento económico em Portugal e lhe deram um cunho progressista, como criador de instituições (a mais singular das quais foi o GEBEI-Grupo de Estudos Básicos de Economia Industrial, ainda agora aqui lembrado pelo Eduardo Ferro Rodrigues, e que eu tive oportunidade de estudar), como intelectual que ajudou a transformar a universidade portuguesa e a dotá-la de mais e melhor conhecimento. E, sobretudo, como alguém com quem aprendemos a pensar – João Cravinho “ensinou-nos a pensar”, dizia-me há pouco Manuel Brandão Alves, um amigo comum, um dos que trabalharam no GEBEI.

Quando nos anos sessenta entrou no Instituto Nacional de Investigação Industrial calcorreou o Norte do país a visitar e a conhecer as empresas têxteis, o setor então dominante na nossa indústria. O que ele procurou foi estudar as condições económicas e sociais da criação de valor e da produtividade. Não era um daqueles economistas que querem fazer isso dividindo um número por outro, encontrando um terceiro e julgando assim que passam a saber discutir a produtividade.

Numa entrevista que lhe fiz há cerca de dez anos, para um projeto de investigação, disse-me: “o que me interessavam eram as transformações estruturais, o planeamento de médio e longo prazo, o investimento e a produtividade, enquanto referencial para avaliar o sucesso das políticas.” Foi esse o seu fito constante.

Como saberão, estava a terminar um livro, que tenho que certeza que iremos ler, exatamente sobre produtividade, (o seu tema de estudo inicial e permanente). Não me esqueço do dia em que me telefonou, em março de 2022, para me dizer isso e para me contar como queria fazer. E foi muito recentemente, há cerca de um mês, que me voltou a dizer que estava a acabá-lo, mas continuava a estudar. Uma vida inteira de estudo, ação e pensamento corajoso...

Fui seu aluno em 1977 como estudante da primeira licenciatura em Economia na Universidade de Coimbra, aprendi nos seminários que ali orientou para os muito jovens assistentes que estavam a fazer aquela casa, participou connosco em muitas atividades académicas e de investigação, ajudou-nos a consolidar o primeiro Mestrado em Economia Europeia que se criou. Em 1985, foi ao Eng. Cravinho que dei a ler o primeiro texto em que formulava o essencial de uma tese de doutoramento que começava a fazer. Recebi atenção, cuidado, incentivo e sugestões. Levou-me consigo e com uma equipa do GEBEI a um seminário lá fora, em janeiro de 1986. Por um acaso do destino, esses dias coincidiram com um momento duro da minha vida pessoal. E marcaram a minha vida académica.

Podia também falar do que significou para mim ter sido, porque me convidou, Presidente da Comissão de Coordenação da Região Centro. Ou tê-lo acompanhado na inquietação que sentia por se estar a dinamitar a decisão de construir um aeroporto que servisse o país de forma racional e inteligente, gerando-se a péssima opção que ele qualificou de forma bem clara. Ou tê-lo tido com Presidente do III Encontro Anual de Economia Política (“Espaço, Tempo e Economia Política), em janeiro de 2020, juntando-se aos que levávamos por diante a Associação Portuguesa de Economia Política. Ou vê-lo a retomar a agenda da regionalização.

Quando parte um dos nossos maiores, quando perdemos um querido amigo, quando deixamos de ter alguém que vivia acima de nós, as lágrimas demoram a secar e a dor custa a passar. Ficamos

irredutivelmente mais pobres, sentimo-nos mais pequenos, compreendemos como devemos ser humildes. É isso que me sinto agora: empobrecido, pequeno e humilde.

Compensa-nos percebermos que tivemos o privilégio de termos tido João Cravinho por perto, de termos vivido o seu tempo. Tristes pela perda, compensados pelo que recebemos.

Deixem-me contar esta pequena história, bem reveladora. Na segunda-feira passada, telefonou-me um estudante de doutoramento, Gonçalo Marçal, cujos trabalhos conheço, e que está a estudar a obra e o pensamento de João Cravinho. Foi para me dizer, entusiasmado, que tinham combinado uma conversa telefónica para a qual prontamente se disponibilizou, destinada a receber informações e a aprofundar matérias que tinha ainda em aberto. Infelizmente a conversa não terá lugar, mas aqui está como a vida do Eng. Cravinho foi plena.

Quero deixar-vos uma notícia. Como já estava pensado, começaremos em setembro próximo em Coimbra um Ciclo de Colóquios públicos sobre o seu pensamento e a sua obra. Prosseguiremos noutras universidades, até 2026, sabendo que estamos também a assinalar o ano em que João Cravinho completaria 90 anos. Relembra-lo-emos. Eu relembra-lo-ei sempre.